

## **S. Pantaleão, mártir**

**Festa: 27 Julho**

S. Pantaleão, ínclito Mártir do Senhor, nasceu numa cidade de Nicomédia, na Província de Bitínia, (província romana na parte setentrional da Ásia Menor, correspondendo à moderna Turquia Asiática). Seu pai, Eustórgio, homem rico e nobre, era pagão. Sua mãe que era cristã, de nome Ébola, morreu, deixando Pantaleão de tenra idade. O pai pô-lo a estudar Retórica e Filosofia, com muito bom aproveitamento. Graças à sua vivacidade, sobressaiu entre os companheiros. Era por eles estimado e admirado pelos costumes honestos, modéstia, sensatez e graciosa disposição. Pareceu-lhe que, para melhor servir os outros, deveria dedicar-se ao estudo da Medicina. Ora havia em Nicomédia um médico famoso, chamado Eufrosino, que tomou por mestre. Conheceu, também, escondido numa pequena casa, por temor da perseguição, um cristão chamado Hermolau, velho venerável e sacerdote de vida perfeita e santa. A amizade aproximou-os e Hermolau tornou-se amigo e mestre espiritual de Pantaleão. Este persuadiu-o a seguir Jesus, o verdadeiro médico que cura toda a espécie de enfermidades.

No processo da sua conversão, deparou-se com um menino morto e junto dele a víbora que o matara. Movido pelo Senhor, disse para si: vou ver se é verdade o que o velho Hermolau me ensina. Aproximou-se do menino e disse-lhe: Levanta-te em nome de Jesus Cristo; e tu, animal asqueroso, paga o mal que fizeste. Logo o menino recuperou a vida, e a víbora caiu morta. Pantaleão foi ter, então, com Hermolau e, contando-lhe o que se passara, pediu para ser batizado. E ele batizou-o com muita alegria, mantendo-o consigo durante sete dias, ensinando-lhe os mistérios da fé que tinha recebido.

Pouco depois, entrou em casa de Pantaleão um homem cego, que gastara a maior parte dos seus haveres com os médicos. Com muitos remédios e suplícios, o que conseguiram foi que, do pouco que via, acabou completamente cego. Pantaleão, pondo as mãos nos olhos do cego e invocando o nome de Jesus Cristo, suplicou humildemente que o curasse. Logo os olhos se lhe abriram e obteve a vista do corpo e da alma, tornando-se cristão. E o mesmo aconteceu com o seu próprio pai que, estando aí presente, daí a poucos dias, batizou-se e morreu santamente. A partir de então divulgou-se a fama de Pantaleão.

Pelas muitas doenças incuráveis que remediava, em nome do Senhor, passou a ser tido por médico insigne e supremo. Com isso, atraiu sobre si muita inveja dos outros médicos que se mostravam inábeis de tais curas que fazia. Então, não podendo competir com ele que se tornara conhecido e famoso, foram denunciá-lo ao imperador Maximiano que nessa altura se encontrava em Nicomédia. E, como argumento, apontaram alguns cristãos que Maximiano determinara atormentar e que Pantaleão curara. Tendo-os ouvido, o imperador mandara trazer perante si o cego que Pantaleão tinha curado. Com muita convicção, este afirmava que tinha recuperado a vista por virtude de Cristo e não pelos deuses do imperador. O imperador, irritado, ordenou que lhe cortassem a cabeça. Pantaleão comprou o seu corpo aos verdugos e enterrou-o juntamente ao do seu pai.

Compreendendo que a sua vida corria perigo, libertou os seus escravos e distribuiu, por eles, parte dos seus bens. A outra parte deu-a aos pobres e enfermos que tratava. Deste modo, sentiu-se mais desembaraçado para as lutas que se divisavam e bem-disposto para o martírio.

Alguns dias depois, Maximiano mandou-o chamar e, trocando com ele algumas considerações, Pantaleão confessou resolutamente que era cristão e que só desejava adorar o único Deus verdadeiro que criou o céu e a terra e não os deuses de pedra e de madeira.

Combinaram então trazer, perante o imperador, um doente totalmente desenganado dos médicos para que os sacerdotes pagãos, invocando os seus deuses, se esforçassem por lhe dar saúde e para que Pantaleão, invocando Jesus Cristo fizesse o mesmo, a fim de se concluir quem era o deus verdadeiro. Trouxeram um ancião de muitos anos e parálítico. As tentativas dos sacerdotes, diante dos ídolos foram totalmente vãs. Pantaleão, tomando o parálítico pela mão, disse-lhe: Levanta-te, são, em nome de Jesus Cristo, filho do Deus vivo. Mal pronunciara estas palavras, o enfermo levantou-se, robusto, dando graças a Deus. Muitos dos presentes se converteram à Fé e ficaram curados nas suas almas.

O imperador ficou confundido, o povo estupefacto, os sacerdotes mais endurecidos. Temendo perder a sua autoridade, as suas regalias e os seus ganhos, estes sacerdotes persuadiram o imperador que Pantaleão era um bruxo e que, se não lhe tirassem a vida, perder-se-ia o culto, a reverência aos seus deuses e, com tudo isso, o império que, sem religião, não se pode aguentar. Diante disso, o imperador, após dissuasoras tentativas e ameaças vãs, mandou que o despissem na praça pública e o fizessem carregar um rolo ou madeiro e esgadanhar suas carnes com garras de ferro e abrasá-las com tochas acesas. Nestes tormentos, o santo levantou os olhos ao Céu, pedindo auxílio a Jesus Cristo. Então, o Senhor apareceu-lhe,

em figura e traje de Hermolau, o santo ancião que o tinha baptizado e instruído na fé, e disse-lhe que estaria sempre a seu lado e o ajudaria a padecer. Imediatamente, as cordas que o amarravam, afrouxaram, as tochas apagaram-se e os verdugos perderam vigor e ficaram cansados e abatidos.

O imperador ordenou, então, que o lançassem dentro de uma grande caldeira cheia de chumbo derretido. Entrando em oração, viu Jesus Cristo junto dele, na caldeira, na figura que lhe aparecera antes. O chumbo perdeu a sua acção, arrefecendo e ficando totalmente gelado. Tudo isto causou grande comoção nos presentes. Contudo, o imperador, empedernido, mandou que lhe atassem uma grande pedra ao pescoço e o atirassem ao mar. Invocou o santo nome de Cristo que lhe apareceu pela terceira vez e, como a outro S. Pedro, estendeu-lhe a mão e conduziu-o à margem.

O imperador, irritado com o que acontecia, ordenou, com raiva e furor, que o lançassem às feras. Estando S. Pantaleão preparado já, no teatro, a fim de ser despedaçado por leões e tigres, viu Jesus Cristo a seu lado, na mesma figura que antes vira. Pantaleão, voltando-se para ele, com voz branda e amorosa, exclamou: convosco a meu lado, Senhor, que hei-de temer? Saíram as feras com grande ímpeto, bravura, mas, vendo o santo, logo a perderam, humilhando-se como mansas ovelhas e lançando-se a seus pés. A admiração do povo foi grande! Por um lado, sentia lástima ao ver um mancebo de tão belo aspecto e de quem a cidade tinha recebido tantos benefícios, colocado, sem culpa, em tão rigorosa prova. Por outro, maravilhado ao vê-lo realizar tão grandes prodígios, muitos se convertiam e em unísono clamavam que era grande o Deus dos cristãos. Enfurecendo-se mais ainda, o tirano não perdoou às feras. Mais cruel que elas, mandou-as matar e lançar numa pira, cobrindo-as com terra.

Inventou, por isso, um novo instrumento. Uma roda pesada, com muitas pontas de aço, à qual ataram Pantaleão. Ordenou que a lançassem de um monte alto, a fim de que fosse despedaçado e destroçado pelo aço e pelas pedras do monte e assim tivesse uma morte cruel e horrível. Mas o Senhor livrou o seu fiel servo deste tormento, desatando-o da roda, sem qualquer beliscadura, ao passo que a roda, com o seu ímpeto, despedaçou os ídólatras que encontrou.

Como Maximiano verificasse que as suas maquinações saíam vãs e que não lhe era possível vencer o santo, quis saber de sua boca, quem tinha sido o mestre da sua vida e da sua Fé, a fim de dirigir, contra ele, a sua raiva e furor. Embora Pantaleão compreendesse o intento, com que o interrogava, sabendo, entretanto, que Hermolau, seu mestre, desejava morrer por Cristo, revelou ao tirano quem era. Hermolau foi convocado à sua presença. Naquela noite, Jesus, tendo-lhe aparecido, avisou-o que no dia seguinte, entraria no céu. O imperador fez-lhe algumas perguntas e ele, levantando os olhos ao céu, com muita fortaleza e constância, respondeu-lhe. Imediatamente, a terra começou a tremer e os ídolos que estavam no templo caíram e se desfizeram em pedaços. Pela repulsa que isto causou, Maximiano, por não ter podido abrandar Hermolau, nem atraí-lo a adorar os falsos deuses, depois de o ter mandado castigar com diversos tormentos, ordenou que o degolassem com outros dois irmãos, Hermipo e Hermócrates. A Pantaleão, para se vingar e descarregar a cólera que tinha, por ter sido vencido por ele, mancebo tão constante e superior a todos os tormentos, mandou que fosse de novo terrivelmente açoitado e, depois, degolado no campo e queimado o seu corpo.

Levaram o santo, com muita alegria da sua parte, por ver que se lhe abriam as portas do céu. Ataram-no a uma oliveira e o verdugo, erguendo a mão, com a espada, feriu o pescoço de Pantaleão. Entretanto, a espada tornou-se mole como cera e não houve qualquer ferida ou marca no seu pescoço. Os verdugos perturbaram-se e lançaram-se-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão, reconhecendo que era mais que homem aquele que assim vencia os tormentos e os verdugos. O santo mártir implorou a Deus que lhes perdoasse. Ouvia uma voz que lhe disse que a sua oração fora escutada e que daí em diante deixaria de se chamar Pantaleão, mas Pantaleemão, porque, por ele, muitos alcançariam a misericórdia de Deus. Então, ele próprio, animando os verdugos que estavam a tremer, a executar a sentença, cortaram-lhe a cabeça, da qual saiu leite em vez de sangue e a oliveira, a que estava amarrado, carregou-se de fruto.

Quando tal soube, o tirano mandou que o retirassem e queimassem o seu corpo, como se determinara. Mas os servos do imperador nada fizeram. Isso permitiu que os fiéis tomassem o santo corpo e o enterrassem numa agra ou campo de um homem chamado Adamânio.

Na cidade de Ravello, no Reino de Nápoles conserva-se ainda hoje, na Catedral, uma redoma cheia do sangue de S. Pantaleão que, todos os anos, no dia do seu martírio que é a vinte e sete de Julho, se derrete e descoalha, estando o resto do tempo coagulado e duro. Nesse dia 27 de Julho (dia da sua morte, no ano 311), levam-no em procissão e noutros dias, quando há alguma necessidade, vêem-se grandes prodígios e milagres, que o Senhor faz para glória do seu Santo.

No tempo do Imperador Teodósio, os restos do mártir foram trasladados para Constantinopla, a um lugar chamado Concórdia. Aí se construiu um templo dedicado ao mártir, que seria ampliado por Justiniano. Tornou-se um lugar muito frequentado, pelos milagres e curas que Deus fazia, por intermédio do seu servo. As relíquias do mártir foram veneradas no Concílio de Constantinopla (como refere S. João Damasceno). Justiniano construiu uma igreja, em honra de S. Pantaleão, em Constantinopla e na Palestina. Existe uma igreja paleocristã de S. Pantaleão na Turquia (Ovack Bucag). No Ocidente, Floro de Lião (840), de acordo com a tradição, segundo o *Martirologio Jeronimiano*, introduziu a memória festiva a 28 de Julho, com um elogio, cujos termos se acham na *passio* latina. O *Martirologio Romano*, retomando o elogio feito por Usuardo de Saint-Germain (865), recoloca-a a 27.

O martirologio de Usuardo será a fonte espiritual dos mosteiros medievais. Com algumas modificações corresponderá ao *Martirologio Romano*, promulgado pelo Papa Gregório XIII em 1584.

Em Roma, na Idade Média, foram construídas diversas igrejas em honra do Santo. Entre as mais antigas representações de Pantaleão estão os frescos de Roma, de Santa Maria a Antiqua, do século VIII, de Santa Maria Egípcíaca, do século IX, da cripta de S. Crisógono, do século X. Na porta sul da catedral de Chartres está esculpido S. Pantaleão. A devoção na Itália prosseguiu e manteve-se, como o atestam as diversas novenas editadas, quer no século XVIII, quer ainda no início do século XX. A divulgação das acções maravilhosas do santo na legenda popular continua em breves publicações dos meados do século passado. No pré-Concílio Ecuménico (1962-1965), um bispo italiano publicou uma carta pastoral dedicada à comemoração do padroeiro S. Pantaleão e Gabriele D'Annunzio (1863--1938), escreveu, no final do século XIX, uma obra com o título de *San Pantaleone*.

Muitos destinos parecem ter tido as relíquias de S. Pantaleão: o imperador do Oriente que as ofereceu a Carlos Magno e que foram para França; parte da cabeça que foi levada para África em 802 e foi transferida para França; os despojos do mártir Pantaleão trasladados para Ravello, perto de Amalfi, no antigo Reino de Nápoles e daí para Constantinopla onde ficaram até 1453.

Em Ravello, se conservará, numa âmbula, o sangue que se liquefaz, na véspera e no dia da festa do santo, e, recentemente, a notícia da relíquia de Montauro, contendo sangue de S. Pantaleão, ou em Espanha, num vaso de cristal, na Igreja da Encarnação de Madrid, o sangue, que todos os anos se liquefaz na véspera e dia da festa do Santo mártir; ainda em Burgos, onde se diz que há um corpo de S. Pantaleão. Não seriam dois santos com o mesmo nome, celebrados no mesmo dia?!

Não ficam por aqui os lugares a reclamar uma presença de relíquias e memórias de S. Pantaleão. Lião que pretende ter a cabeça (ou relíquia da cabeça - osso), e, também, em Colónia e, no Porto, o relicário que se guarda no Museu Nacional de Soares dos Reis (proveniente da Sé, donde, misteriosamente, desaparecera).

Segundo a tradição medieval, vieram para o Porto as relíquias do corpo do santo. Quando a cidade de Constantinopla foi invadida pelos turcos, alguns cristãos salvaram as relíquias de S. Pantaleão. Assim, colocadas num barco, após aventuras no mar, em cumprimento da narrativa hagiográfica, deram à costa no Porto, cerca de 1453. Primeiramente, foram depositadas na Igreja de S. Pedro, em Miragaia.

O testemunho mais antigo de um culto ao mártir da Nicomédia no Porto foi conhecido, recentemente. Em manuscrito de 1478, chamado "Breviário de Fernão Duarte", o liturgista jesuíta Pedro Rocha encontrou a primeira referência ao culto. Trata-se de um ofício privado para S. Pantaleão, com antífona, leituras e responsórios próprios. Aí encontramos um testemunho da tradição das relíquias do santo em Miragaia. É apontado como indício da veracidade da vinda das relíquias para o Porto no século XV o facto de ainda hoje existir a Rua da Arménia, que muitos relacionam com a vinda das relíquias. A notícia é dada já por Rodrigo da Cunha em 1623. Conservam esta tradição, entre outros, Villegas e o *Agiologio Lusitano*, dos meados do século XVIII, considerando providencial o facto de cristãos orientais terem trazido as relíquias de S. Pantaleão por mar e aportado a esta cidade.

Pura verdade histórica é, contudo, que, por vontade de D. Diogo de Sousa, as relíquias foram trasladadas para a Sé, a 12 de Dezembro de 1499, em solene procissão. O crescimento da devoção justifica que D. Diogo de Sousa tivesse promovido a alteração do padroeiro da cidade, de S. Vicente para S.

Pantaleão, com a aprovação do Papa Alexandre VI. Trasladas no final do século XV, seriam posteriormente instaladas no altar maneirista da Capela-mor. Existiu uma primeira urna, mandada fazer por D. João II e concluída no reinado de D. Manuel, reformada em 1631 pela Câmara e desaparecida em 1841, dizendo alguns que se encontra em Inglaterra. Hoje os restos de ossadas estão numa urna de madeira inserida no altar-mor barroco da Catedral.

Para contentar os moradores de Miragaia, D. Diogo de Sousa deixou à igreja de S. Pedro, um braço do Santo, em relicário próprio.

A festa a S. Pantaleão, no Porto, manteve-se pujante até aos inícios do século XIX. Vários documentos o ilustram desde começos do século XVI, até se finar, em 1910. Em 1949, houve uma tentativa de retorno, com a iniciativa de uma procissão da Catedral.

A partir de 1964 o próprio litúrgico da Diocese substituiu o mártir como padroeiro da cidade por Nossa Senhora da Assunção. Invocava-se como razão o facto de S. Pantaleão ser "quase desconhecido na cidade". Em 1981, a Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, da Santa Sé, aprovou o próprio litúrgico da Diocese do Porto, incluindo a Memória facultativa de S. Pantaleão a 27 de Julho. Também na paróquia do Muro, Santo Tirso, se conservou a memória do culto.

(Cfr. Pantaleão da Nicomédia: Percurso biográfico, na memória da persistente devoção europeia Carlos Moreira Azevedo, In Esta é a cabeça de S. Pantaleão p. 90 ss, Julho 2003)

### Culto

Com S. Nicolau, S. Pantaleão é um dos poucos santos cuja popularidade é semelhante tanto no Oriente como no Ocidente.

Faz também parte dos médicos anargiros (= sem prata), desafectos do dinheiro, ou seja, praticam a medicina gratuitamente, como Cosme e Damião, S. Ciro de Alexandria e S. João da Arábia e do grupo católico dos quatorze intercessores: S. Jorge, S. Brás, Santo Erasmo, S. Pantaleão, S. Vito, S. Cristóvão, S. Dinis, S. Ciríaco, Santo Acácio, Santo Eustáquio, S. Giles, Santa Margarida, Santa Catarina, Santa Bárbara.

S. Pantaleão é patrono de médicos e parteiras. Também das amas, pelo leite que brotara do seu pescoço degolado. Era invocado para os males e dores de cabeça e frequentemente representado com as mãos sobrepostas na cabeça (como coroa? Ou segurando a própria cabeça decepada?)

### Iconografia

Na arte bizantina, S. Pantaleão transporta uma pequena cruz, uma espátula de médico e uma caixa de unguentos. No Ocidente e, sobretudo, na Alemanha, representa-se atado a um tronco de oliveira, com as mãos, uma sobre outra, na cabeça. Em França, um cravo, um frasco de farmácia ou um bacio. A seus pés, está a espada que se tornou de cera para não o ferir.

Org. MA